

# Dinâmica das assimetrias na distribuição de renda segundo os arranjos familiares no Brasil

## Dynamics of Asymmetries in Income Distribution by Family Arrangements in Brazil

Taís Maria Silva Terra

[taisterra@cedeplar.ufmg.br](mailto:taisterra@cedeplar.ufmg.br)

ORCID:0009-0007-6452-8575

Mestranda no Departamento de Ciências Econômicas, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Maria Hermeto

[ahermeto@cedeplar.ufmg.br](mailto:ahermeto@cedeplar.ufmg.br)

ORCID:0000-0001-8331-1928

Professora Associada no Departamento de Ciências Econômicas, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais

### Resumo

O trabalho explora o papel das mudanças dos arranjos familiares na distribuição de renda brasileira, utilizando microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) no período de 2012 a 2023. Os arranjos familiares foram distribuídos em cinco grupos: casal com filhos; casal sem filhos; monoparentais femininos; unipessoais; e outros arranjos. Observam-se tendências modestas, mas relevantes, como diminuição de casais com filhos e aumento de famílias unipessoais e de casais sem filhos. Notam-se quedas recentes na desigualdade de renda, acentuadas em 2020, devido ao empobrecimento geral, intensificado com a pandemia de COVID-19. Por fim, resultados da regressão quantílica sugerem que há assimetrias estatisticamente significativas entre os percentis ao longo da distribuição de renda em todos os arranjos familiares, e resultados da decomposição do índice de Theil indicam que a distância “dentro dos grupos” é mais relevante na distribuição da renda familiar, embora o peso da desigualdade “entre grupos” esteja aumentando desde 2019.

### Palavras-chave

Mudanças demográficas

Arranjos familiares

Desigualdade de renda

COVID-19

Brasil

## Abstract

This study examines the role of changes in family arrangements on income distribution in Brazil, using microdata from the Continuous National Household Sample Survey (PNADC) from 2012 to 2023. Family arrangements are classified into five groups: couples with children, childless couples, single mothers, single persons, and other family arrangements. Modest but relevant trends are observed, such as a decrease in couples with children and an increase in single persons and childless couples. Recent declines in income inequality are noted, particularly pronounced in 2020, due to general impoverishment exacerbated by the pandemic. Finally, quantile regression results suggest statistically significant asymmetries between percentiles across the income distribution in all family arrangements, and Theil index decomposition results suggest that “within-group” inequalities are more relevant in the family income distribution, although the weight of “between-group” inequality has increased since 2019.

## Keywords

Demographic  
Changes  
Family  
Arrangements  
Income  
Inequality  
COVID-19  
Brazil

Enviado: 28/06/24

Aceito: 16/09/24

## Introdução

Nas últimas décadas, no Brasil, tem-se assistido a mudanças demográficas e socioeconômicas que direcionam a uma maior diversidade de arranjos familiares. Segundo Wajnman et al. (2006), essas mudanças recentes na estrutura familiar brasileira foram causadas, por parte da demografia, pela queda da fecundidade, pelo aumento dos divórcios e pela sobremortalidade masculina, o que atinge diretamente a composição e o tamanho das famílias. Já em relação às condições socioeconômicas, observam-se escolhas individuais relacionadas à formação de famílias e à coabitação, o que implica as saídas tardias dos filhos de casa e a relevância dos rendimentos dos idosos para a renda familiar. No que concerne especificamente aos arranjos familiares, foi observado que, nas últimas décadas, houve um aumento da proporção de famílias unipessoais, casal sem filhos e famílias monoparentais femininas, além da redução da proporção de famílias de casal com filhos e famílias ampliadas/compostas (Leone et al., 2010).

Concomitantemente a essas mudanças demográficas e socioeconômicas, estudos recentes sobre a evolução da desigualdade no Brasil (Barbosa et al., 2020; Dedecca e Trovão, 2020; Hoffman, 2020) apontam para uma queda expressiva da desigualdade e da pobreza no início dos anos 2000 até 2015. Todavia, essa tendência é invertida a partir de 2015, e o que se nota, nos últimos anos, é o crescimento desses indicadores, voltando a patamares iguais ou superiores aos observados no começo da década. Tal inversão é explicada, principalmente, pela queda da renda do trabalho (Barbosa, 2019), devido ao aumento do desemprego e da informalidade, culminando na queda da renda domiciliar. Além disso, transferências governamentais de programas sociais e de direitos trabalhistas foram, a partir de 2015, praticamente irrelevantes para a evolução da renda domiciliar e da desigualdade (Barbosa et al., 2020). Ou seja, em um período de recessão, a proteção social foi praticamente inexistente para atuar em favor de políticas redistributivas.

Esse tema se faz ainda mais relevante com a crise trazida pela pandemia de COVID-19. Autores internacionais (Blundell et al., 2020) argumentam que obstáculos surgidos a partir de 2020 tiveram impactos distintos nas desigualdades existentes, dependendo das dimensões socioeconômicas, étnicas, educacionais, geográficas e de gênero, por exemplo. Tais desigualdades podem ser verificadas no mercado de trabalho entre trabalhadores que aderiram ao trabalho remoto e aqueles que não conseguiram exercer suas profissões em teletrabalho, sendo esse fator, normalmente, correlacionado com desigualdades anteriores à pandemia, como as de renda e educacional. Ademais, trabalhadores mais jovens e de baixa renda, trabalhadores com empregos mais instáveis, mulheres e grupos étnicos minoritários estavam mais propensos a impactos negativos, como a perda do emprego ou a redução de renda.

Essas desigualdades tão latentes na realidade brasileira ficaram evidentes: a instabilidade generalizada do rendimento do trabalho, revelada pelo recebimento do auxílio emergencial por 50 % da população brasileira. A rápida disseminação do vírus no país também evidencia as implicações dessas desigualdades estruturais no enfrentamento da pandemia. As precariedades de habitação e de infraestrutura no transporte público, por exemplo, são fatores que não permitiam uma das únicas ferramentas que se tinha contra a COVID-19 – o isolamento social –, afetando sempre

a mesma parcela da população, os mais pobres. Logo, o efeito dessa desigualdade socioeconômica, de uma doença que, inicialmente, afetava o segmento de alta renda, teve maior velocidade de propagação e letalidade nas camadas mais pobres (Dedecca e Trovão, 2020).

Posto isso, evidencia-se que as mudanças na composição dos arranjos familiares refletem diretamente na dinâmica da desigualdade, uma vez que, partindo da preposição de que diferentes tipos de famílias possuem diferentes rendas domiciliares, entende-se que a concentração de renda em determinado arranjo familiar, a discrepância de renda entre arranjos familiares ou a diferença de renda entre famílias do mesmo arranjo impactam a desigualdade de renda total. Entretanto, trabalhos recentes sobre a evolução da desigualdade brasileira não abordam como e se ela está sendo impactada por variáveis demográficas, em especial, tendo em vista o cenário pós-pandemia, que pode ter intensificado a desigualdade de renda entre arranjos familiares, expondo ainda mais certos arranjos à condição de mais pobres. Além disso, a literatura sobre desigualdade de renda ainda não considera totalmente a heterogeneidade populacional.

Em suma, é sabido que muitos são os determinantes da desigualdade na distribuição de renda, sendo a composição dos arranjos familiares uma variável demográfica frequentemente indicada na literatura (Brandolini e D'Alessio, 2001; Burtless, 1999; Espino et al., 2020). Ademais, posto o panorama brasileiro sobre a evolução recente da desigualdade de renda e as mudanças dos arranjos familiares ao longo do tempo, este trabalho se propõe a analisar as assimetrias na distribuição de renda nos diferentes arranjos familiares brasileiros, uma vez que as mudanças demográficas estão em direção a uma maior diversidade de tipos de famílias. Compreender-se-á, portanto, a evolução das desigualdades de renda tanto entre quanto dentro dos diferentes arranjos familiares. Para isso, são utilizados os métodos de regressão quantílica e de decomposição, decompondo um índice de desigualdade, no caso específico, o índice de Theil, entre e dentro dos arranjos familiares. São empregados os dados anuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) no período de 2012 a 2023.

O trabalho está organizado em mais quatro seções, sendo a próxima uma discussão sobre a literatura acerca do tema, seguida pela explanação dos métodos e dados, resultados e comentários conclusivos.

## Discussão sobre arranjos familiares e desigualdade

Seguindo a ordem cronológica, há evidências de trabalhos internacionais que apontam a relevância das mudanças demográficas na distribuição de renda. Burtless (1999) conclui que o aumento da desigualdade de renda nos Estados Unidos, no período de 1979 a 1996, teve uma contribuição modesta da desigualdade geral de rendimentos do trabalho. Martin (2006) afirma que, entre 1976 e 2000, as mudanças na estrutura familiar explicam o aumento da desigualdade nos Estados Unidos, mas que essa influência não era uniforme durante o período ou entre os grupos étnico-raciais. Além do mais, a autora argumenta que o aumento de famílias chefiadas por mulheres é um importante fator para o crescimento dessa desigualdade de renda. Zagel e Breen (2019) analisam como a distribuição da educação, do emprego e do número de filhos influenciou a distribuição de renda entre os anos 1990 e 2000 na Alemanha Ocidental e nos Estados Unidos. Mudanças demográficas nesse período explicariam o crescimento da desigualdade na Alemanha Ocidental, porém não nos Estados Unidos.

Em contrapartida, outros estudos apontam para um efeito reduzido da composição familiar sobre a desigualdade de renda. Brandolini e D'Alessio (2001) argumentam que os efeitos demográficos na desigualdade parecem ser secundários na Itália durante o período de 1977 a 1995. Albertini (2008) também demonstra que o poder equalizador das famílias italianas decresceu entre 1977 e 2000 e que mudanças nos arranjos familiares não tiveram um impacto claro na distribuição de renda. Espino et al. (2020) exploram as mudanças na estrutura familiar e sua influência na distribuição de renda na Guatemala, sugerindo que as assimetrias “dentro dos” diferentes arranjos familiares são mais relevantes para a distribuição de renda do que mudanças demográficas.

Já no contexto brasileiro, Leone, Maia e Baltar (2010) observaram que mudanças nos arranjos familiares entre 1981 e 2006 foram essenciais para a diminuição dos índices de pobreza no Brasil. Os autores mostram que isso aconteceu devido à redução do tamanho das famílias, à composição familiar e à maior participação dos integrantes da família no mercado de trabalho, em especial da mulher. Também é discutido que a queda da fecundidade influenciou diretamente a redução do tamanho das famílias, em todos os tipos de arranjos, e que o envelhecimento da população

contribuiu para modificar a composição familiar. Somam-se a isso outros fatores paralelos, como o aumento de separações e a diminuição de casamentos, que também contribuem para a alteração da composição e o aumento no número de famílias.

Em contrapartida, Wajnman, Turra e Agostinho (2006) indicam não haver impacto significativo das mudanças demográficas sobre a desigualdade de renda no Brasil no período de 2001 a 2005. Maia e Sakamoto (2016) analisaram como as mudanças nas proporções de diferentes tipos de família contribuíram para o aumento da renda nas diferentes camadas sociais brasileiras e os consequentes impactos na desigualdade, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, entre 1981 e 2011. Concluíram que pobreza ou desigualdade não são definitivamente explicadas apenas por mudanças na estrutura familiar, mas que auxiliam na compreensão de como diferentes estruturas familiares resultam em diferenças na distribuição de renda.

Em suma, nota-se que, tanto no contexto internacional quanto no nacional, não há uma tendência clara sobre o impacto das variáveis demográficas sobre a desigualdade de renda. Além disso, são poucos os trabalhos brasileiros que exploram essa relação entre composição familiar e desigualdade, principalmente, quando se trata de anos recentes, incluindo os anos após a instauração da crise causada pela COVID-19. Portanto, considerando as mudanças demográficas das famílias no bojo da segunda transição demográfica, analisar seus impactos sobre a desigualdade de renda se faz imprescindível para compreensão da dinâmica e caracterização das estruturas sociais nacionais, permitindo a criação de políticas públicas destinadas a determinados domicílios mais pobres ou expostos à condição de mais pobres.

Partindo da literatura apresentada, as hipóteses levantadas para este trabalho são: i) a diversidade de arranjos familiares tem se expandido com as mudanças demográficas e socioeconômicas, bem como a proporção desses diferentes tipos de famílias tem se alterado no decorrer dos anos; ii) a composição por arranjos familiares ao longo da distribuição de renda é assimétrica e essa assimetria persiste ao longo do tempo; iii) há assimetrias entre os percentis ao longo da distribuição de renda em todos os arranjos familiares e essa assimetria persiste ao longo do tempo; iv) as características domiciliares têm diferentes impactos na renda

domiciliar *per capita* dos arranjos familiares nos diferentes percentis; v) há desigualdade de renda tanto entre quanto dentro dos diferentes arranjos familiares, sendo que essas discrepâncias estão aumentando de 2012 a 2023, em especial, entre os diferentes tipos de famílias; e vi) a crise causada pela COVID-19 intensificou a desigualdade de renda entre os diferentes arranjos familiares, expondo ainda mais certos arranjos familiares à condição de mais pobres.

Base de dados e método de análise

Para analisar as assimetrias na distribuição de renda segundo os diferentes arranjos familiares brasileiros, são utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 2012 a 2023, considerando os seguintes arranjos familiares: casal com filhos; casal sem filhos; monoparentais femininos; unipessoais; e outros arranjos familiares.<sup>1</sup> A unidade analítica utilizada são os domicílios (excluindo famílias compostas<sup>2</sup>) e a amostra média anual é de 143.576 domicílios. As variáveis da PNAD Contínua a serem utilizadas no exercício empírico proposto estão listadas na Tabela 1.<sup>3</sup>

Tabela 1. Variáveis utilizadas.

Condição no domicílio: pessoa responsável, cônjuge, filho(a) ou enteado(a)
Espécie da unidade doméstica: unipessoal, nuclear, estendida, composta
Sexo: homens e mulheres
Grupos etários: 20-29 anos, 30-39 anos, 40-49 anos, 50-59 anos, 60-69 anos, 70 anos ou mais
Cor / raça: brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas

1 O arranjo familiar designado como “outros” entrou nos cálculos realizados, abarcando todos os domicílios, porém não está disposto nos gráficos e tabelas apresentados, dado que há uma gama variada de arranjos que formam essa categoria, o que dificulta sua análise.

2 Famílias compostas foram excluídas da base de cálculo, uma vez que possuem uma vasta combinação de arranjos que compõem esse tipo de domicílio, o que dificultaria sua caracterização e análise. Como representam minoria na base, não houve perdas ao trabalho sua exclusão.

3 As variáveis de razão de dependência e demais variáveis domiciliares foram construídas. Além do mais, o rendimento domiciliar *per capita* está a preços de 2020.

Tabela 1. Continuar

Grupos de anos de estudo: analfabetos, ensino fundamental incompleto, ensino médio incompleto, ensino médio/ensino superior incompleto, ensino superior completo
Número de componentes do domicílio
Domicílio rural ou urbano
Domicílio localizado na região metropolitana: sim ou não
Razão de dependência[1] de jovens e razão de dependência de idosos
Taxa de ocupação domiciliar
Peso da renda do trabalho / renda total e peso da renda da aposentadoria / renda total
Decil da renda domiciliar per capita
Rendimento domiciliar per capita

<sup>1</sup> Razão de dependência mensura a razão entre a população economicamente dependente e a população economicamente ativa, sendo que essa métrica pressupõe que jovens e idosos são economicamente dependentes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

**Regressão quantílica**

Segundo Greene (2012), a regressão quantílica é a ampliação da regressão linear, empregada quando os dados possuem *outliers* ou quando a distribuição dos erros é heterocedástica.

Assim, quando os dados são homecedásticos, a reta de regressão é a esperança de  $y$  em  $x$ , sendo que a função de regressão estaria no 50º percentil (mediana). Ou seja, quando a distribuição dos erros é homecedástica, os percentis estarão sempre à mesma distância da mediana, não importando o valor de  $x$ .

Todavia, quando as regressões são heterocedásticas, ou os erros são assimétricos, a distância de cada percentil da reta de regressão será diferente em diferentes valores de  $x$ . Dessa forma, a regressão quantílica estima um modelo de regressão para cada quantil:

$$y_i = x_i' \beta + \varepsilon_i \quad (1)$$

Essa representação de programação linear facilita a estimação. Os coeficientes da regressão quantílica são obtidos por meio da minimização de:

$$\Phi_q = -(1 - q) \sum (y_i - x_i' \beta) + q \sum (y_i - x_i' \beta) \quad (2)$$



Em que  $0 < q < 1$  é o quantil de interesse. O cálculo da regressão quantílica é definido pela minimização da soma absoluta dos erros (LAD – Least Absolute Deviations), diferindo do cálculo de MQO, que minimiza a soma dos quadrados. Essa medida traz maior robustez ao modelo, dado que os coeficientes estimados não serão sensíveis a observações *outliers*.

Demais características do modelo: não é utilizado apenas para lidar com a heterocedasticidade, uma vez que calcular regressões para diferentes percentis é útil para explorar a forma da distribuição condicional; quando o termo de erro não é normal, estimadores quantílicos podem ser mais eficientes do que estimadores MQO; soluções diferentes em diferentes percentis podem sugerir impactos diferentes da variável dependente a mudanças da variável independente.

### *Índice de desigualdade e método de decomposição*

Segundo Jenkins e Van Kerm (2009), muitos são os índices que resumizam a desigualdade em termos numéricos. Assim, poder-se-ão utilizar, por exemplo, índices baseados em razões percentuais, como a razão do 90º percentil para o 10º percentil ou o índice de Gini. Outra classe de índices de desigualdade engloba aqueles da entropia generalizada (Shorrocks, 1982). O coeficiente de Gini e os índices de razão fornecem valores intuitivos para a desigualdade de renda. Já os índices de entropia generalizada são úteis quando o objetivo é descrever a desigualdade entre e dentro de subgrupos da população.

Dessa forma, como o objetivo principal é compreender as assimetrias na distribuição de renda segundo os diferentes arranjos familiares, a escolha do método de decomposição se deu para atender à necessidade de desagregação de um índice de desigualdade, no caso, o índice de Theil, que faz parte dos índices de entropia generalizada, possibilitando o entendimento da dinâmica da desigualdade de renda tanto entre quanto dentro dos diferentes arranjos familiares – que serão os subgrupos populacionais a serem estudados. O índice de Theil é definido como:

$$T = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n \frac{x_i}{\bar{x}} \ln \left( \frac{x_i}{\bar{x}} \right) \quad (3)$$

Sendo a renda disponível pela família individualmente; a renda média da renda de todas as famílias e  $n$  o número de domicílios. Tais decomposições por subgrupos iniciam com a partição da população em  $M$  grupos distintos de indivíduos não sobrepostos, definidos por características como idade, sexo, vínculo com a força de trabalho, entre outras. Esses índices podem ser decompostos de tal forma que a desigualdade total resulta da soma da desigualdade entre grupos, que é obtida atribuindo a cada indivíduo a renda média do subgrupo ao qual ele pertence, e da desigualdade dentro dos grupos, que é a soma ponderada das desigualdades dentro de cada subgrupo (Jenkins; Van Kerm, 2009):

$$I_0 = I_0^W + I_0^B \quad (4)$$

Em que (W) é a desigualdade dentro dos subgrupos populacionais e (B) refere-se à desigualdade entre grupos. Ou seja, segundo Peichl, Pestel e Schneider (2012):

$$I_0 = \underbrace{\sum_{k=1}^K v_k \cdot I_{0k}}_W + \underbrace{\sum_{k=1}^K v_k \cdot \ln\left(\frac{\bar{y}}{\bar{y}_k}\right)}_B \quad (5)$$

Sendo a proporção ponderada de indivíduos pertencentes ao subgrupo  $k$  e a desigualdade do subgrupo  $k$ . Decompondo a desigualdade dentro e entre os subgrupos da população, é possível também decompor a mudança da desigualdade entre períodos. Logo, é possível decompor a mudança da desigualdade entre os períodos  $t$  e  $t + 1$  em mudanças dentro dos subgrupos da população e em mudanças resultantes de alterações das proporções populacionais (Peichl et al., 2012). De acordo com Mookherjee e Shorrocks (1982), formalmente pode-se escrever que:

$$\Delta I_0 = I_0^{t+1} - I_0^t \approx \underbrace{\sum_{k=1}^K \bar{v}_k \cdot \Delta I_{0k}}_A + \underbrace{\sum_{k=1}^K \bar{I}_{0k} \cdot \Delta v_k}_B + \underbrace{\sum_{k=1}^K [\bar{\lambda}_k - \ln(\bar{\lambda}_k)] \cdot \Delta v_k}_C + \underbrace{\sum_{k=1}^K (\bar{\theta}_k - \bar{v}_k) \cdot \Delta \ln(\bar{y}_k)}_D \quad (6)$$

Em que é a proporção de renda média do subgrupo  $k$  sobre a renda média da população total e , a razão de renda do grupo  $k$ . O símbolo de barra indica o valor médio ao longo dos períodos  $t$  e  $t + 1$ . Portanto, a mudança

na desigualdade total de um ponto no tempo para o próximo pode ser decomposta em quatro componentes, sendo que “A” representa mudanças na desigualdade dentro dos subgrupos populacionais. As somas de “B” e “C” representam a contribuição da mudança demográfica para a mudança da desigualdade total, ou seja, mudanças das proporções da população. Por fim, “D” representa mudanças da distribuição dos rendimentos médios do subgrupo da população.

## Resultados

Tendo como unidade analítica os domicílios brasileiros em 2012 e 2020, observa-se que o arranjo familiar de maior proporção é o de casais com filhos, embora essa relevância tenha diminuído nesse período (queda de 3,23 p.p.). Outro movimento de destaque foi o aumento de casais sem filhos (0,73 p.p.) e de famílias unipessoais (1,63 p.p.). Acerca da renda domiciliar *per capita*, verifica-se a persistência da desigualdade entre os tipos de famílias. Além disso, dado o aumento dos domicílios unipessoais, que são mais ricos e concentram mais a renda, a distribuição parece tender a se concentrar ainda mais. Por outro lado, a diminuição dos casais com filhos, que tendem a diluir a renda *per capita*, age no sentido oposto.

Identifica-se que o tamanho médio de todos os arranjos familiares diminuiu no período analisado, sendo que as maiores famílias continuam as de casais e mães com filhos. Ademais, assiste-se a poucas modificações na razão de dependência domiciliar, destacando maior dependência de idosos em casais sem filhos e unipessoais (famílias mais envelhecidas) e de maior dependência de jovens entre casais e mães com filhos (famílias mais jovens). Em todos os arranjos familiares, tanto em 2012 quanto em 2020, o principal fator de composição da renda é o rendimento do trabalho, sendo que, proporcionalmente, possui menor peso entre casais com filhos. Já a renda da aposentadoria é mais relevante entre casais sem filhos e unipessoais.

Acerca da caracterização dos responsáveis pelas famílias, praticamente em todos os arranjos, o responsável pelo domicílio são homens. Todavia, assiste-se a um aumento de mulheres como responsáveis pela família, exceto em unipessoais. Em relação à raça, em 2020, casais sem filhos e unipessoais possuíam maioria dos responsáveis brancos, enquanto nos demais arranjos predominavam os pardos. Verifica-se também

que houve diminuição de responsáveis brancos e aumento de pardos e de pretos em todos os arranjos. Quanto à escolaridade, esta é bastante desigual dentro dos próprios arranjos. Destaque para o crescimento da escolaridade entre 2012 e 2020: aumento de responsáveis com ensino médio ou superior completo e diminuição de analfabetos ou com fundamental incompleto. Por fim, os grupos etários aos quais os responsáveis pelas famílias pertencem são bem diversos, tendo pouca variação ao longo do tempo, destacando-se casais com filhos, que em 2020 possuía 68,6 % dos responsáveis com menos de 49 anos (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização dos arranjos familiares. Brasil, 2012 e 2020.

Variáveis	Arranjos familiares				
	Casal sem filhos	Casal com filhos	Mãe com filhos	Unipessoais	Pai com filhos
	2012				
Distribuição de domicílios por arranjos familiares (%)	17,11	47,69	15,15	13,38	2,19
Renda média domiciliar per capita (R\$)	2.241	1.263	1.148	2.607	1.588
Tamanho médio do domicílio (hab.)	2,18	4,10	3,29	1,00	3,06
Razão de dependência média de jovens	0,03	0,27	0,23	0,00	0,19
Razão de dependência média de idosos	0,24	0,04	0,09	0,34	0,13
Peso médio da renda do trabalho	0,74	0,68	0,73	1,00	0,77
Peso médio da renda da aposentadoria	0,32	0,09	0,12	0,29	0,20
Taxa média de ocupação domiciliar	0,54	0,63	0,54	0,51	0,58
Sexo do responsável pelo domicílio (%)					
Mulheres	18,90	18,21	100,00	51,36	0,20
Homens	81,10	81,79	0,00	48,64	99,80
Raça do responsável pelo domicílio (%)					
Branca	53,10	46,48	43,99	51,25	45,46
Preta	7,21	8,41	10,34	8,84	9,67
Amarela	0,78	0,53	0,42	0,68	0,74
Parda	38,70	44,30	44,91	38,96	43,86
Indígena	0,20	0,28	0,34	0,27	0,27
Escolaridade do responsável pelo domicílio (%)					
Analfabetos	25,92	19,73	25,87	30,36	31,15
Ensino fundamental incompleto	24,59	25,74	27,11	23,59	27,98
Ensino médio incompleto	11,72	15,93	14,49	11,00	11,63
Ens. médio completo + Ens. superior incompleto	25,13	29,04	24,04	22,38	20,53
Ensino superior completo	12,64	9,56	8,48	12,67	8,71
Idade do responsável pelo domicílio (%)					
De 20-29 anos	13,65	11,44	5,90	8,50	2,56

Tabela 2. Continuar

Variáveis	Arranjos familiares				
	Casal sem filhos	Casal com filhos	Mãe com filhos	Unipessoais	Pai com filhos
2012					
De 30-39 anos	14,63	28,41	17,71	13,35	9,90
De 40-49 anos	12,50	28,07	24,20	14,62	21,00
De 50-59 anos	20,10	18,87	22,10	18,46	26,80
Mais de 60 anos	38,34	12,92	29,85	44,32	39,71
2020					
Distribuição de domicílios por arranjos familiares (%)	17,84	44,46	15,37	15,01	2,44
Renda média domiciliar per capita (R\$)	2.018	1.273	1.038	2.470	1.632
Tamanho médio do domicílio (hab.)	2,15	3,90	3,10	1,00	2,81
Razão de dependência média de jovens	0,23	0,26	0,23	0,00	0,15
Razão de dependência média de idosos	0,26	0,04	0,09	0,33	0,13
Peso médio da renda do trabalho	0,70	0,66	0,78	1,00	0,78
Peso médio da renda da aposentadoria	0,34	0,09	0,19	0,38	0,22
Taxa média de ocupação domiciliar	0,49	0,58	0,46	0,49	0,53
Sexo do responsável pelo domicílio (%)					
Mulheres	32,41	34,87	100,00	45,70	0,20
Homens	67,59	65,13	0,00	54,30	99,80
Raça do responsável pelo domicílio (%)					
Branca	48,88	41,93	38,73	46,80	38,18
Preta	8,62	9,63	12,32	10,17	11,22
Amarela	0,66	0,71	0,57	0,61	0,42
Parda	41,57	47,32	48,06	42,23	49,83
Indígena	0,23	0,38	0,33	0,18	0,35
Escolaridade do responsável pelo domicílio (%)					
Analfabetos	18,36	10,50	16,85	21,26	21,49
Ensino fundamental incompleto	22,74	20,56	23,73	21,93	25,47
Ensino médio incompleto	11,10	14,28	14,19	10,79	12,68
Ens. médio completo + Ens. superior incompleto	30,24	38,92	33,16	28,55	27,85
Ensino superior completo	17,55	15,73	12,07	17,47	12,52
Idade do responsável pelo domicílio (%)					
De 20-29 anos	12,30	11,06	6,71	11,53	3,53
De 30-39 anos	15,33	29,33	18,51	14,29	12,35
De 40-49 anos	11,90	28,17	24,47	14,29	21,46
De 50-59 anos	19,44	19,06	21,74	16,57	26,24
Mais de 60 anos	40,44	12,16	28,38	42,88	36,35

*Nota. Renda média domiciliar per capita a preço de 2020.*

*Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2020.*

Vale ressaltar que um aspecto a ser considerado é o ciclo de vida das famílias, medido pela idade dos cônjuges, o que poderia ajudar a explicar, por exemplo, a maior diversidade entre arranjos de casais sem filhos, os quais tanto podem ser casais jovens que ainda não tiveram filhos como casais com ninho vazio, que são mais velhos e acumularam mais renda. Estão, portanto, misturadas nesse arranjo realidades bastante diversas.

Quanto à caracterização da desigualdade, o principal movimento em 2020, comparado a 2012, foi o aumento dos decis inferiores e a queda dos superiores. Analisa-se também a diminuição do tamanho das famílias em todos os decis, sendo que permanece a tendência de decis inferiores com famílias maiores, contrapondo a decis superiores com famílias menores. A taxa média de ocupação cresce conforme aumenta o decil. Ademais, proporcionalmente, decis inferiores possuem maior razão de dependência de jovens, enquanto decis superiores têm maior razão de dependência de idosos (famílias mais envelhecidas). Complementando essa análise de famílias mais jovens ou envelhecidas, verifica-se que, nos decis inferiores, proporcionalmente, o peso na renda do trabalho é maior, sendo que, nos decis superiores, o peso da aposentadoria aumenta.

No que concerne aos responsáveis pelas famílias, nota-se que, de 2012 para 2020, houve aumento de mulheres como responsáveis em todos os decis. Mulheres são maioria como chefes de família nos decis inferiores. Ocorreram também redução de responsáveis brancos e aumento de pretos e de pardos, além de concentração de responsáveis pretos e pardos nos decis inferiores e de brancos, nos superiores. Quanto à escolaridade, assistiu-se ao aumento de responsáveis com ensino superior e à queda de analfabetos e responsáveis com ensino fundamental incompleto – concentração de analfabetos e com ensino fundamental incompleto nos decis inferiores e daqueles com ensino médio ou superior completos nos superiores. Por fim, proporcionalmente, decis inferiores possuem responsáveis mais jovens (Tabela 3).

Posto a caracterização tanto dos decis de renda domiciliar *per capita* quanto dos arranjos familiares, percebe-se, ao relacionar os dois grupos analíticos, que há poucas mudanças entre 2012 e 2020 na distribuição dos decis por tipos de família. Constata-se que casais com filhos, embora seja o arranjo de maior relevância em todos os decis, em 2020 perderam peso, proporcionalmente, na composição de praticamente todos

Tabela 3. Caracterização de decis selecionados da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2012 e 2020.

Variáveis	Decil da renda domiciliar per capita					
	Primeiro decil	Quinto decil	Décimo decil	Primeiro decil	Quinto decil	Décimo decil
	2012			2020		
Distribuição de domicílios por decil da renda domiciliar per capita (%)	7,86	8,96	13,00	8,56	8,61	12,61
Renda média domiciliar per capita (R\$)	104	710	6.147	95	730	5.924
Tamanho médio do domicílio (hab.)	4,03	3,53	2,39	3,48	3,31	2,32
Razão de dependência média de jovens	0,34	0,22	0,08	0,27	0,21	0,10
Razão de dependência média de idosos	0,03	0,10	0,17	0,05	0,10	0,18
Peso médio da renda do trabalho	0,88	0,69	0,74	0,89	0,71	0,73
Peso médio da renda da aposentadoria	0,02	0,15	0,17	0,02	0,18	0,21
Taxa média de ocupação domiciliar	0,36	0,60	0,70	0,23	0,55	0,71
Sexo do responsável pelo domicílio (%)						
Mulheres	37,59	36,25	35,02	50,48	48,30	38,60
Homens	62,41	63,75	64,98	49,52	51,70	61,40
Raça do responsável pelo domicílio (%)						
Branca	26,89	41,81	72,68	27,91	36,67	68,27
Preta	10,16	10,18	4,27	11,83	12,08	5,23
Parda	62,09	47,36	21,61	59,16	50,46	24,71
Escolaridade do responsável pelo domicílio (%)						
Analfabetos	43,33	25,87	3,48	21,82	17,36	1,70
Ensino fundamental incompleto	29,87	28,85	9,78	28,29	23,17	5,40
Ensino médio incompleto	13,04	16,49	7,16	16,81	14,28	4,64
Ens. médio completo + Ens. superior incompleto	12,14	26,06	32,16	27,93	38,34	28,75
Ensino superior completo	1,62	2,74	47,41	5,15	6,84	59,51
Idade do responsável pelo domicílio (%)						
De 20-29 anos	16,26	10,79	6,74	16,10	12,02	6,41
De 30-39 anos	30,26	23,21	18,06	27,30	22,69	23,02
De 40-49 anos	25,73	23,68	20,30	24,89	23,80	20,07
De 50-59 anos	18,03	18,33	24,91	19,42	18,31	20,48
Mais de 60 anos	8,53	23,53	29,85	11,51	22,72	29,87

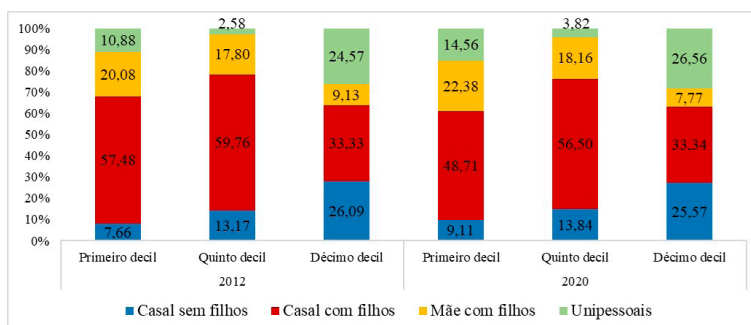
Nota: Renda média domiciliar per capita a preço de 2020.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2020.

eles. Não obstante, para casais sem filhos e unipessoais percebe-se o movimento contrário, dado que houve aumento proporcional em quase todos os decis. Por fim, nas famílias de mães com filhos, verificam-se

crescimento proporcional nos decis inferiores e queda nos superiores (Figura 1).

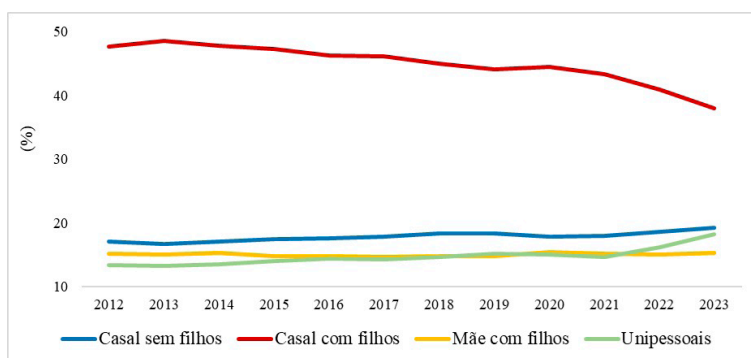
Figura 1. Distribuição dos decis de renda domiciliar *per capita*, segundo arranjos familiares. Brasil, 2012 e 2020.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2020.

Adentrando especificamente na evolução dos arranjos familiares entre 2012 e 2020, não são observadas grandes variações proporcionais em nenhum tipo de família, porém, como comentado outrora, analisam-se uma queda de famílias com filhos e a ascensão de casais sem filhos e unipessoais (Figura 2), o que vai ao encontro do trabalho de Leone, Maia e Baltar (2010), que verificaram que, nas últimas décadas, houve aumento da proporção de famílias unipessoais, de casais sem filhos e de famílias monoparentais femininas, além da redução da proporção de famílias de casal com filhos e famílias ampliadas/compostas.

Figura 2. Evolução dos arranjos familiares. Brasil, 2012-2023.

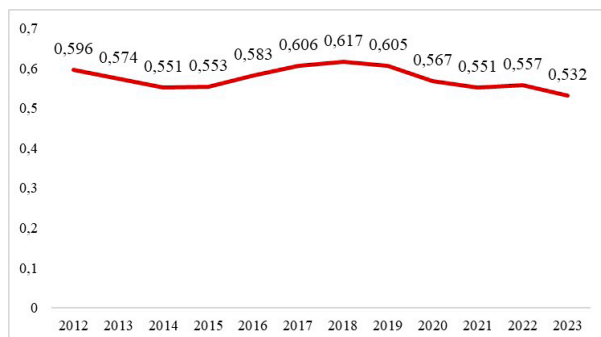


Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.



Seguindo a tendência de estudos recentes sobre a evolução da desigualdade no Brasil (Dedecca e Trovão, 2020; Hoffman, 2020), percebe-se queda na desigualdade de renda brasileira de 2012 a 2014, seguida da ascensão entre 2015 e 2018. Todavia, nota-se que a tendência recente é de retorno da redução da desigualdade, o que se acentua em 2020 e retorna a patamares inferiores aos de 2012 (Figura 3).

Figura 3. Evolução do índice de Theil. Brasil, 2012-2023.



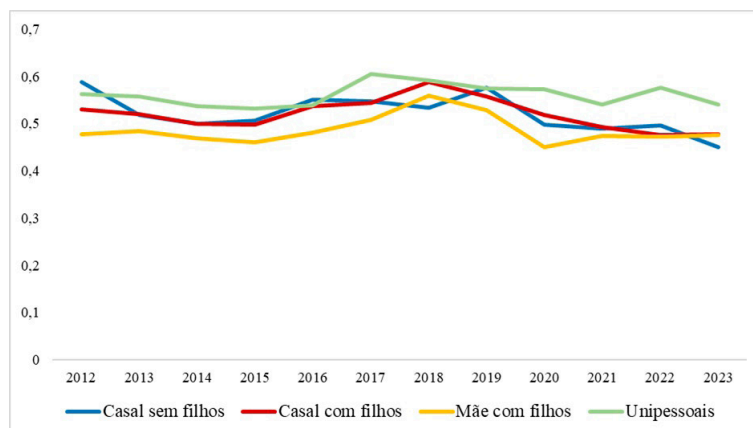
Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

No mais, ao decompor o índice de desigualdade por arranjo familiar, a primeira constatação é de que diferentes arranjos familiares possuem diferentes níveis de desigualdade. Portanto, há desigualdade entre arranjos familiares, o que remete ao trabalho de Maia e Sakamoto (2016), que analisaram como as mudanças nas proporções de diferentes tipos de família contribuíram para o aumento da renda nas diferentes camadas sociais brasileiras e os consequentes impactos na desigualdade, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, no período de 1981 a 2011.

Verifica-se também que, de maneira geral, todos os arranjos acompanham o movimento de queda, ascensão e retorno da queda da desigualdade, embora isso aconteça em momentos e variações diferentes, demonstrando que a exposição à desigualdade também acontece de forma distinta entre os arranjos (Figura 4).

Outro ponto relevante a ser observado é que o arranjo familiar menos desigual durante praticamente todo o período analisado é o de mães com filhos. Além disso, casal sem filhos teve a maior variação acumulada no período analisado (-14%), o que pode indicar que foi o arranjo mais exposto à condição de mais pobre.

Figura 4. Evolução do índice de Theil, por arranjo familiar.  
Brasil, 2012-2023.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

Para justificar a dinâmica da desigualdade, comparar-se-á a renda domiciliar *per capita* de 2012, a preços de 2020, com a de 2020, constatando-se que, nos decis superiores, praticamente todos os arranjos familiares tiveram suas rendas diminuídas. Essa mesma tendência também é verificada no primeiro decil, o qual teve sua renda, proporcionalmente, ainda mais diminuída. Em contrapartida, os decis do meio tiveram pequenas variações positivas de renda (Tabela 4).

Em suma, conclui-se que a queda da desigualdade em 2020, a qual voltou a patamares de 2012, aconteceu devido a um empobrecimento geral: os mais pobres se tornaram ainda mais pobres e os mais ricos também empobreceram,<sup>4</sup> o que conversa diretamente com o trabalho de Barbosa, Ferreira de Souza e Soares (2020).

Ademais, é válido salientar que os arranjos familiares pertencentes até o sexto decil, o que representa em torno de 50% dos domicílios (como visto, os mais populosos), possuem renda domiciliar *per capita* de menos

4 Segundo Medeiros, Souza e Castro (2015), a concentração de renda entre os mais ricos é, de acordo com os dados tributários, substancialmente maior do que a estimada pelos levantamentos domiciliares, posto que, entre 2006 e 2012, pouco menos de 25% da renda total pertencia apenas a 1% mais rico do Brasil, sendo 11 % destinados a 0,1 % mais rico. Além do mais, a desigualdade entre os mais ricos também é maior nos dados tributários do que nas pesquisas domiciliares.

de um salário mínimo em 2020. Nota-se também que o arranjo familiar unipessoal apresenta a maior discrepância de renda entre os decis e o de mães com filhos registra a menor discrepância. Contudo, mães com filhos, no geral, possuem menor renda domiciliar *per capita* e menor concentração de domicílios nos decis superiores, justificando a discussão anterior sobre serem o arranjo familiar menos desigual.

Tabela 4. Renda domiciliar *per capita* por decil e arranjos familiares. Brasil, 2012 e 2020.

Arranjos familiares	Decil da renda domiciliar per capita									
	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto	Sexto	Sétimo	Oitavo	Nono	Décimo
2012										
Casal sem filhos	72,87	289,95	453,40	560,93	707,06	927,90	1.113,25	1.464,64	2.131,02	6.762,69
Casal com filhos	120,45	290,95	417,46	554,89	710,13	887,89	1.103,57	1.453,65	2.122,10	5.431,47
Mãe com filhos	109,53	290,14	430,89	556,11	706,63	900,73	1.106,53	1.456,16	2.119,06	4.977,36
Unipessoais	31,78	284,82	432,37	584,60	739,94	944,12	1.125,96	1.479,88	2.074,79	7.085,31
Pai com filhos	88,92	290,11	442,06	558,53	704,79	898,25	1.101,16	1.477,09	2.148,45	5.841,07
Total	103,88	290,58	427,50	556,82	709,53	914,50	1.109,26	1.460,90	2.113,41	6.146,59
2020										
Casal sem filhos	55,53	310,19	456,90	564,61	733,71	924,04	1.096,96	1.461,10	2.100,46	6.052,48
Casal com filhos	119,82	310,55	443,62	580,12	728,46	915,84	1.135,57	1.454,19	2.068,03	5.319,37
Mãe com filhos	107,12	311,18	443,57	569,11	729,09	906,13	1.122,24	1.445,30	2.058,57	4.864,78
Unipessoais	22,19	301,41	447,41	600,15	752,51	978,67	1.074,90	1.472,03	2.106,48	6.981,32
Pai com filhos	101,85	310,42	450,60	570,36	724,39	913,78	1.133,01	1.462,34	2.105,04	6.310,02
Total	95,07	310,73	444,99	574,60	730,11	920,16	1.105,58	1.457,55	2.083,63	5.923,58
Variação 2012-2020										
Casal sem filhos	0,76	1,07	1,01	1,01	1,04	1,00	0,99	1,00	0,99	0,89
Casal com filhos	0,99	1,07	1,06	1,05	1,03	1,03	1,03	1,00	0,97	0,98
Mãe com filhos	0,98	1,07	1,03	1,02	1,03	1,01	1,01	0,99	0,97	0,98
Unipessoais	0,70	1,06	1,03	1,03	1,02	1,04	0,95	0,99	1,02	0,99
Pai com filhos	1,15	1,07	1,02	1,02	1,03	1,02	1,03	0,99	0,98	1,08
Total	0,92	1,07	1,04	1,03	1,03	1,01	1,00	1,00	0,99	0,96

Nota: Valores a preço de 2020.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2020.

### *Regressão quantílica*

Primeiramente, é válido salientar que, no exercício proposto, consideram-se domicílios cujos responsáveis possuem mais de 18 anos, não excluindo domicílios compostos. Ademais, a renda domiciliar *per capita* dos respectivos arranjos familiares não está dessazonalizada, uma vez que o intuito é a observação das tendências e significâncias, e não necessariamente a comparação entre os anos.

Posto isso, após a aplicação do teste estatístico de Breusch-Pagan, constata-se a presença de heterocedasticidade na regressão de todos os arranjos familiares ao longo do período analisado. Conforme visto na seção metodológica, a aplicação da regressão quantílica nesse caso é mais adequada do que a aplicação de um modelo MQO tradicional. Dessa forma, foram selecionados os 10º, 50º e 90º percentis para a análise da distribuição da renda domiciliar *per capita* nos diferentes arranjos familiares para o período de 2012 a 2023. Também foram explicitados os resultados do modelo MQO, via de comparação.

Assim sendo, nota-se que as características domiciliares têm diferentes impactos na renda domiciliar *per capita* dos arranjos familiares em diferentes percentis. Observando-se os dados da Tabela 5, é possível perceber que a escolaridade do responsável da família é uma variável significativa e positivamente correlacionada com a renda domiciliar *per capita* em todos os arranjos ao longo de todo o período. Além disso, o peso de um ano a mais de estudo é maior quanto maior for o percentil em que essa família se encontra. Em contrapartida, raça, embora também seja uma variável significativa, possui relação negativa com a renda: famílias chefiadas por negros (pretos e pardos) ou indígenas possuem menor renda do que aquelas chefiadas por brancos. Para mais, é importante salientar que essa discrepância é maior quanto maior for o percentil examinado.

O grupo etário do responsável pela família, em linhas gerais, também se mostrou significativo. Comparadas com famílias chefiadas por indivíduos entre 18 e 34 anos, aquelas cujos responsáveis possuem mais de 35 anos têm renda domiciliar *per capita* maior. Constata-se que essa diferença é maior quanto maior for a idade – responsáveis com mais de 55 anos também recebem mais do que aqueles entre 35 e 54 anos – e quanto maior for o percentil. Por fim, variáveis relativas à localização do

domicílio – estar ou não em área urbana e ser ou não de região metropolitana – não mostraram tendências claras.

Tabela 5. Regressões quantílicas populacionais para diferentes arranjos familiares. Brasil, 2012 a 2023 – análise do 10º, 50º e 90º quantis.

	Casal sem filho				Casal com filho				Mães com filho				Unipessoais			
2012																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-251,0 (***)	-7,0 (.)	13,5 (***)	299,9 (***)	-156,3 (***)	-26,4 (**)	2,3 (.)	255,4 (***)	-281,8 (**)	13,7 (***)	150,0 (***)	416,2 (***)	-678,3 (***)	17,5 (***)	59,3 (***)	-219,3 (.)
Anos de estudo	104,3 (***)	17,5 (***)	46,8 (***)	134,1 (***)	80,7 (***)	13,4 (***)	39,6 (***)	112,3 (***)	215,4 (***)	28,6 (***)	91,9 (***)	347,6 (***)	208,4 (***)	28,5 (***)	84,1 (***)	304,3 (***)
Raça - Negros/ Indígenas	-280,0 (***)	-63,0 (***)	-152,0 (***)	-373,0 (***)	-262,1 (***)	-65,6 (***)	-157,1 (***)	-397,2 (***)	-446,7 (***)	-120,9 (***)	-110,5 (***)	-422,0 (***)	-417,2 (***)	-101,5 (***)	-175,8 (***)	-350,0 (***)
Grupo etário - 35- 54 anos	337,7 (***)	61,5 (***)	184,0 (***)	389,2 (***)	336,1 (***)	91,9 (***)	212,1 (***)	476,6 (***)	639,9 (***)	21,4 (***)	216,3 (***)	898,2 (***)	682,5 (***)	80,0 (***)	230,5 (***)	1.127,0 (***)
Grupo etário - mais de 55 anos	811,5 (***)	163,5 (***)	436,3 (***)	912,2 (***)	809,2 (***)	226,5 (***)	508,9 (***)	1.011,7 (***)	1.094,6 (***)	242,0 (***)	491,9 (***)	1.305,8 (***)	1.126,4 (***)	168,0 (***)	411,9 (***)	1.438,0 (***)
Urbano	54,3 (***)	66,5 (***)	105,2 (***)	82,7 (***)	10,0 (***)	31,6 (***)	55,3 (***)	43,9 (.)	-110,7 (.)	121,4 (***)	8,1 (*)	-100,0 (*)	-11,5 (***)	87,0 (***)	74,8 (***)	- (***)
Região não metropolitana	-88,2 (***)	-19,0 (***)	-31,7 (***)	-164,1 (***)	-103,7 (***)	-4,6 (***)	-28,1 (***)	-178,8 (***)	-220,9 (***)	22,9 (***)	-9,3 (***)	-378,0 (***)	-128,2 (***)	-3,5 (***)	-9,2 (***)	-246,7 (***)
2013																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-212,5 (***)	4,0 (***)	45,8 (***)	401,1 (***)	-217,7 (***)	-15,4 (.)	3,5 (***)	213,5 (***)	-163,8 (.)	64,6 (***)	194,0 (***)	625,6 (***)	-215,8 (***)	48,1 (***)	100,4 (***)	417,2 (***)
Anos de estudo	110,2 (***)	18,6 (***)	49,1 (***)	141,4 (***)	86,5 (***)	14,2 (***)	39,6 (***)	112,5 (***)	238,5 (***)	31,3 (***)	102,0 (***)	374,8 (***)	190,1 (***)	33,4 (***)	90,3 (***)	260,8 (***)
Raça - Negros/ Indígenas	-328,8 (***)	-70,7 (***)	-176,0 (***)	-489,2 (***)	-283,5 (***)	-62,2 (***)	-171,4 (***)	-440,3 (***)	-547,5 (***)	-140,0 (***)	-163,0 (***)	-552,8 (***)	-488,5 (***)	-118,4 (***)	-219,4 (***)	-437,4 (***)
Grupo etário - 35- 54 anos	380,3 (***)	66,9 (***)	200,5 (***)	489,5 (***)	366,0 (***)	82,8 (***)	231,8 (***)	526,0 (***)	684,1 (***)	60,6 (***)	242,0 (***)	930,0 (***)	570,6 (***)	66,6 (***)	242,9 (***)	836,8 (***)
Grupo etário - mais de 55 anos	836,2 (***)	175,2 (***)	455,0 (***)	979,2 (***)	927,5 (***)	242,0 (***)	569,9 (***)	1.179,3 (***)	1.077,7 (***)	260,6 (***)	545,0 (***)	1.302,4 (***)	867,8 (***)	169,5 (***)	430,8 (***)	1.226,2 (***)
Urbano	45,8 (***)	73,1 (***)	108,1 (***)	79,8 (***)	38,8 (***)	31,6 (***)	75,6 (***)	74,0 (***)	-172,6 (**)	118,4 (***)	7,0 (*)	-124,8 (*)	-25,6 (***)	84,7 (***)	66,0 (***)	- (***)
Região não metropolitana	-119,9 (***)	-23,0 (***)	-40,0 (***)	-220,3 (***)	-104,0 (***)	-11,6 (*)	-32,1 (***)	-147,3 (***)	-334,6 (***)	-19,0 (***)	-48,0 (***)	-447,2 (***)	-300,9 (***)	-30,0 (***)	-38,8 (**)	-528,0 (***)
2014																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-205,5 (***)	-4,9 (***)	39,3 (***)	483,1 (***)	-176,2 (***)	-19,0 (.)	57,8 (***)	360,7 (***)	-421,5 (***)	32,0 (***)	249,3 (***)	566,8 (***)	-528,6 (***)	40,3 (*)	73,5 (**)	-49,8 (**)
Anos de estudo	115,3 (***)	20,7 (***)	53,6 (***)	149,7 (***)	88,6 (***)	14,8 (***)	40,3 (***)	112,7 (***)	252,9 (***)	38,0 (***)	106,3 (***)	355,2 (***)	214,0 (***)	34,3 (***)	96,3 (***)	303,3 (***)
Raça - Negros/ Indígenas	-333,6 (***)	-78,0 (***)	-189,4 (***)	-501,7 (***)	-322,8 (***)	-68,3 (***)	-185,3 (***)	-493,7 (***)	-473,8 (***)	-158,0 (***)	-187,3 (***)	-579,2 (***)	-451,8 (***)	-137,3 (***)	-231,8 (***)	-472,7 (***)
Grupo etário - 35- 54 anos	411,8 (***)	80,3 (***)	230,0 (***)	534,1 (***)	408,2 (***)	101,0 (***)	229,8 (***)	531,0 (***)	721,8 (***)	78,0 (*)	268,0 (***)	957,2 (***)	694,1 (***)	90,3 (***)	310,3 (***)	1.197,5 (***)
Grupo etário - mais de 55 anos	936,3 (***)	205,0 (***)	514,6 (***)	1.127,3 (***)	972,5 (***)	275,0 (***)	587,8 (***)	1.269,0 (***)	1.199,2 (***)	300,0 (***)	538,0 (***)	1.331,2 (***)	1.103,5 (***)	197,0 (***)	477,3 (***)	1.593,3 (***)

Tabela 5. Continuar

	Casal sem filho				Casal com filho				Mães com filho				Unipessoais			
Urbano	37,2	77,4	109,5	49,8	38,2	35,3	74,5	67,7	-202,0	112,0	-25,3	-207,2	-38,5	100,0	87,3	-
	(**)	(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	(.)	(**)	(***)	(*)	(**)		(***)	(***)	
Região não metropolitana	-163,7	-24,0	-47,4	-314,0	-146,6	-15,0	-53,8	-224,7	-154,2	6,0	-38,0	-242,8	-223,4	-15,0	-26,0	-346,7
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)		(*)	(**)	(***)		(.)	(***)
2015																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-267,6	-12,6	40,0	349,8	-242,1	-43,4	13,2	250,0	-408,8	56,2	197,1	280,5	-365,4	8,8	144,7	504,0
	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(.)	(***)		(***)	(**)
Anos de estudo	121,7	21,6	56,0	155,8	92,4	16,3	46,4	121,7	260,1	31,0	111,8	401,5	213,9	37,6	97,9	294,9
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-344,3	-79,6	-212,0	-490,2	-334,1	-75,7	-212,6	-517,3	-580,1	-153,3	-182,4	-594,0	-461,9	-148,0	-231,2	-493,8
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	441,4	81,3	240,0	582,2	425,8	117,5	260,6	630,7	888,4	126,2	320,8	1.294,0	534,3	68,1	224,8	777,8
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	968,0	215,0	556,0	1.192,3	1.027,5	292,8	650,1	1.383,0	1.281,9	372,6	629,4	1.594,0	1.077,4	206,1	461,4	1.271,6
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	48,0	85,1	119,0	74,7	55,2	32,5	68,8	47,3	-91,9	140,0	14,7	-94,0	-26,8	122,1	86,5	-
	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)		(***)				(***)	(***)	
Região não metropolitana	-155,9	-26,9	-45,0	-236,8	-91,5	-1,9	-36,2	-154,0	-273,0	-60,2	-38,5	-198,5	-303,4	-	-31,2	-493,8
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)	(*)	(.)	(*)	(***)		(*)	(***)
2016																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-180,4	-24,3	36,7	796,7	-154,7	-24,5	56,8	335,2	-200,9	76,9	270,0	440,0	-697,9	-33,0	53,0	42,0
	(***)	(**)	(**)	(***)	(***)	(.)	(***)	(***)	(*)		(***)	(.)	(***)	(.)	(.)	
Anos de estudo	137,2	23,6	62,7	168,3	96,0	14,2	45,8	132,8	284,2	33,1	120,0	423,8	257,3	41,0	111,0	353,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-486,2	-96,6	-247,0	-817,0	-366,2	-85,0	-215,5	-561,6	-707,2	-180,0	-240,0	-820,0	-564,4	-136,0	-259,0	-521,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	469,1	85,6	250,8	601,0	427,9	111,8	247,8	643,4	807,1	50,0	320,0	1.356,3	701,5	89,0	309,0	1.243,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.047,0	245,8	595,4	1.304,0	1.089,5	317,7	679,5	1.441,7	1.333,6	455,1	680,0	1.836,3	1.334,3	261,0	572,0	1.792,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	22,0	86,5	127,1	48,0	15,9	32,2	66,3	57,7	-303,2	70,0	-	-200,0	-11,2	117,0	112,0	-
		(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	(***)		(***)		(**)		(***)	(***)	
Região não metropolitana	-253,7	-26,1	-54,1	-414,7	-174,9	-10,3	-62,5	-231,8	-408,2	-44,2	-70,0	-376,3	-280,2	-15,0	-38,0	-433,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)		(***)	(**)	(***)		(*)	(***)
2017																
	OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica			OLS	Quantílica		
		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt		10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-269,0	-32,9	-3,0	573,7	-259,2	-36,8	6,2	244,0	-229,1	-54,7	280,0	718,2	-521,8	-85,0	39,3	206,3
	(***)	(***)		(***)	(***)	(**)		(**)	(.)		(***)	(**)	(***)	(***)		
Anos de estudo	142,7	24,4	66,0	177,3	108,0	14,1	47,8	143,4	300,1	28,3	120,0	444,2	260,0	44,3	115,3	353,1
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-489,0	-100,3	-250,0	-752,0	-383,8	-76,3	-219,7	-553,9	-507,5	-183,3	-270,0	-732,6	-646,3	-133,3	-264,7	-622,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	505,5	88,8	279,0	734,0	424,3	80,5	245,0	703,8	679,8	113,3	230,0	1.153,6	669,4	104,0	304,0	1.146,9
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.107,6	242,5	635,0	1.413,3	1.129,5	306,8	685,3	1.536,8	1.343,3	584,7	630,0	1.823,2	1.306,1	281,0	606,7	1.852,7
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)

Tabela 5. Continuar

	Casal sem filho				Casal com filho				Mães com filho				Unipessoais			
Urbano	28,3	85,7	129,0	60,7	48,8	37,3	100,7	75,1	-250,8	84,7	50,0	-204,4	-62,4	140,0	97,7	-
	(***)	(***)	(**)		(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(**)	(*)		(***)	(***)		
Região não metropolitana	-238,1	-32,2	-51,0	-375,7	-171,2	13,3	-36,5	-268,9	-641,4	-16,7	-23,0	-667,4	-357,4	-7,7	-21,0	-500,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)			(***)	(***)			(***)
2018																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-439,9	-83,4	-98,8	370,0	-63,0	-76,7	-38,2	257,6	-523,2	-82,2	216,4	351,0	-752,5	-95,4	71,8	-139,2
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	
Anos de estudo	162,3	27,3	72,8	200,0	113,5	17,7	55,2	143,4	326,1	33,3	127,9	473,0	273,0	47,9	122,2	383,3
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-548,7	-104,9	-244,4	-746,0	-477,3	-91,3	-220,9	-613,2	-863,8	-215,6	-272,1	-951,0	-642,7	-162,7	-284,0	-641,2
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	591,9	100,7	304,5	854,0	259,1	100,0	247,7	702,8	989,3	48,9	272,1	1.544,0	742,2	106,5	316,7	1.301,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.265,5	266,1	692,0	1.660,0	1.001,5	352,0	735,9	1.528,2	1.726,2	546,7	721,3	2.268,0	1.453,5	299,9	644,3	2.175,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	50,1	104,7	164,6	66,0	33,1	41,3	95,4	77,3	-296,4	131,1	16,4	-187,0	-48,8	145,0	78,1	-19,7
	(*)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	
Região não metropolitana	-248,3	-18,9	-35,8	-357,0	-195,0	14,7	-46,4	-218,7	-449,2	17,8	-	-524,0	-291,1	-6,8	-82,7	-441,2
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)			(***)	(***)		(***)	(***)
2019																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-474,6	-97,0	-109,7	449,8	-383,8	-69,5	-91,1	48,0	-169,1	-76,8	242,5	810,0	-465,1	-73,0	122,0	499,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(*)	(**)	(*)
Anos de estudo	169,1	29,0	77,9	202,2	123,9	19,6	58,3	166,0	320,2	38,8	130,9	494,0	286,0	47,8	125,0	383,4
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-553,5	-115,0	-280,3	-795,1	-477,7	-99,7	-266,7	-594,0	-893,1	-232,7	-352,6	-998,0	-817,6	-182,5	-335,0	-801,3
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	586,4	115,0	333,0	865,7	535,3	107,9	293,0	820,0	655,0	115,6	378,3	1.188,0	625,2	90,1	313,0	1.271,3
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.284,9	293,0	750,0	1.643,1	1.257,9	366,3	800,9	1.741,0	1.351,1	553,1	740,2	1.986,0	1.426,1	299,1	665,0	2.138,1
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	65,8	116,0	175,4	79,6	42,5	26,0	107,7	80,0	-229,5	56,3	15,4	-200,0	-81,6	159,9	63,0	-182,4
	(**)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(*)	(**)	(*)		(*)		(***)	(***)	(**)
Região não metropolitana	-272,7	-28,0	-52,7	-430,6	-141,4	-3,1	-10,1	-197,0	-470,5	-38,8	-	-600,0	-534,8	-18,9	-100,0	-837,8
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)			(***)	(***)			(***)	(***)		(***)	(***)
2020																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	-310,0	-22,1	55,0	543,5	-264,0	-10,3	26,0	148,9	-146,0	25,0	500,0	874,5	-100,5	82,3	383,9	795,8
	(***)	(.)	(**)	(***)	(***)			(.)			(***)	(**)	(***)	(*)	(***)	(**)
Anos de estudo	148,4	22,4	63,0	182,5	99,3	13,3	46,0	138,2	287,9	25,0	100,0	414,1	238,2	39,3	101,4	331,2
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-525,9	-98,9	-270,0	-790,5	-386,5	-94,0	-206,0	-540,9	-819,9	-200,0	-300,0	-1.004,1	-670,7	-169,5	-305,2	-656,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	485,8	75,1	261,0	823,0	475,3	91,0	249,0	756,1	668,7	-25,0	255,0	1.100,0	431,9	-16,0	147,4	968,1
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)		(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.065,8	200,0	603,0	1.520,0	1.049,0	298,0	654,0	1.565,1	1.224,7	450,0	500,0	1.764,1	983,0	150,0	418,4	1.643,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)

Tabela 5. Continuar

	Casal sem filho				Casal com filho				Mães com filho				Unipessoais			
Urbano	61,7	102,0	149,0	62,5	68,8	33,0	89,0	84,1	-172,8	75,0	45,0	-40,9	-99,2	100,0	52,8	-256,5
	(*)	(***)	(***)	(*)	(.)	(***)	(***)	(*)	(.)	(.)	(*)		(*)	(***)	(**)	(***)
Região não metropolitana	-250,5	-	-40,0	-438,5	-99,2	22,3	3,0	-175,3	-413,7	100,0	-	-548,6	-462,8	41,3	-58,9	-737,7
	(***)		(***)	(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	(*)	(*)	(***)
2021																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	34,9	67,9	381,7	1.116,4	-246,4	-82,1	18,3	756,3	-172,8	-61,0	10,9	465,0	-185,1	-16,2	464,1	953,5
			(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(**)	(**)		(**)			(***)	(*)
Anos de estudo	236,2	42,7	109,9	322,6	147,0	29,7	70,8	177,8	96,1	13,0	45,7	128,6	287,8	31,2	114,7	440,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-678,6	-170,7	-307,4	-708,0	-515,7	-127,1	-298,0	-757,6	-389,7	-51,0	-224,9	-707,0	-869,9	-245,0	-316,6	-997,4
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	436,0	26,4	164,1	1.086,6	514,0	88,9	288,8	805,1	400,7	60,0	266,3	660,0	796,7	-	247,1	1.214,4
	(***)		(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(**)
Grupo etário - mais de 55 anos	971,2	170,5	477,1	1.758,3	1.123,3	239,0	671,3	1.662,0	1.166,1	324,0	747,8	1.717,0	1.317,3	522,8	572,9	1.827,4
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	-141,7	89,4	19,7	-152,0	26,6	102,9	144,0	63,3	11,7	39,0	74,8	90,1	-120,1	58,8	20,0	-2,0
	(*)	(***)		(.)		(***)	(***)			(***)	(***)	(*)				
Região não metropolitana	-468,8	20,2	-97,6	-1.059,7	-298,3	3,7	-56,0	-633,6	-166,1	22,0	-33,4	-301,0	-342,3	105,2	-3,0	-670,5
	(***)		(**)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)	(*)	(.)	(***)	(***)	(*)		(**)
2022																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	301,7	150,0	494,0	2.080,2	-288,9	-5,2	25,5	827,6	-243,3	-39,9	4,1	399,9	219,6	157,1	618,0	1.474,5
	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)			(***)	(***)	(*)		(***)		(*)	(***)	(***)
Anos de estudo	280,2	50,0	130,5	377,3	168,4	30,5	80,7	204,9	123,5	19,4	57,9	157,1	328,1	42,9	131,3	455,3
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-933,8	-244,0	-450,0	-1.100,0	-582,2	-126,6	-314,8	-897,0	-479,5	-86,0	-247,7	-763,1	-976,4	-300,0	-394,0	-1.280,0
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	539,8	50,0	247,5	1.000,0	547,8	92,3	318,2	909,7	525,3	110,0	299,5	869,5	1.016,4	-71,4	262,7	1.559,5
	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.033,0	200,0	583,0	1.631,8	1.327,6	303,1	835,2	1.775,0	1.403,1	387,3	906,6	1.978,0	1.410,9	326,3	656,7	2.043,5
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Urbano	-152,0	100,0	52,5	-216,5	67,4	123,0	178,0	144,7	11,0	32,7	87,1	84,1	-367,5	128,6	-	-38,0
	(*)	(***)	(***)	(***)	(**)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(*)	(***)	(***)	
Região não metropolitana	-698,9	-	-132,0	-1.400,0	-276,2	-25,8	-56,8	-610,3	-176,2	42,7	2,7	-306,4	-708,3	85,7	-62,7	-988,0
	(***)		(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)	(*)	(*)	(***)
2023																
	Quantílica				Quantílica				Quantílica				Quantílica			
	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt	OLS	10 Qnt	50 Qnt	90 Qnt
Intercepto	159,2	63,5	405,6	1.760,0	-141,2	-17,0	54,4	1.350,8	-210,4	56,8	39,7	395,7	620,9	-	744,3	2.306,2
	(.)		(***)	(***)	(**)		(*)	(***)	(**)	(***)		(***)	(***)		(***)	(***)
Anos de estudo	278,0	58,8	137,2	382,0	179,2	34,0	85,9	208,9	122,2	17,3	56,7	153,7	321,9	50,0	134,8	435,4
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Raça - Negros/Indígenas	-937,4	-205,8	-421,4	-1.240,0	-733,9	-144,0	-357,0	-1.215,8	-555,5	-95,0	-276,3	-831,7	-1.280,4	-200,0	-469,9	-1.503,1
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)
Grupo etário - 35-54 anos	544,2	75,5	300,0	1.044,0	666,2	115,0	383,9	981,3	543,1	80,0	310,3	942,7	872,0	-50,0	186,3	1.320,0
	(***)	(*)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)		(***)	(***)
Grupo etário - mais de 55 anos	1.091,1	263,8	602,0	1.796,0	1.418,5	328,0	902,9	1.848,3	1.503,1	371,0	977,0	2.136,0	1.099,2	350,0	571,7	1.789,2
	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)	(***)



Tabela 5. Continuar

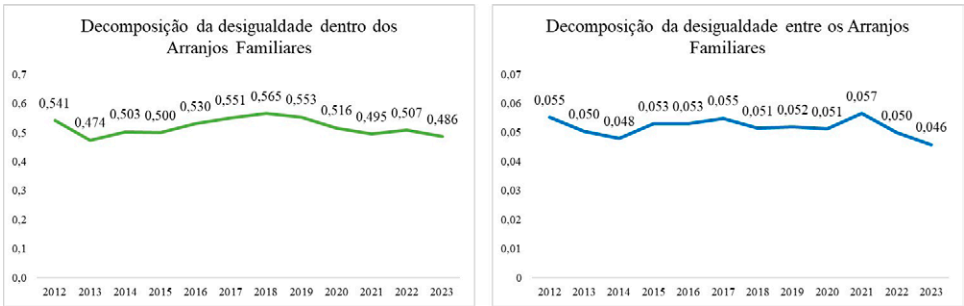
	Casal sem filho				Casal com filho				Mães com filho				Unipessoais			
Urbano	-28,5	111,8	119,0	-90,0	68,8	139,0	205,1	125,0	67,0	31,3	113,3	124,3	-228,2	150,0	51,4	-13,8
	(***)	(***)			(*)	(***)	(***)	(**)		(***)	(***)	(***)	(*)	(***)	(**)	
Região não metropolitana	-552,3	19,7	-71,4	-1.014,0	-452,5	-6,0	-84,4	-834,3	-168,6	20,0	13,0	-206,7	-686,4	100,0	-65,4	-1.258,5
	(***)		(**)	(***)	(***)		(***)	(***)	(***)	(*)		(***)	(***)	(**)	(***)	(***)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

Decomposição da desigualdade

Por fim, foi realizada a decomposição do índice de Theil, entre e dentro dos arranjos familiares (Figura 5). A primeira constatação é que há desigualdade tanto entre quanto dentro dos arranjos familiares, sendo que o maior peso é da desigualdade dentro dos arranjos, não havendo grandes variações ao longo do tempo. Tal resultado segue a mesma tendência de Espino et al. (2020), que, embora tenham reproduzido o estudo sobre o impacto das mudanças na estrutura familiar na distribuição de renda da Guatemala, também concluíram que as assimetrias “dentro dos” diferentes arranjos familiares são mais relevantes para a distribuição de renda do que as mudanças demográficas.

Figura 5. Decomposição do índice de Theil: entre e dentro dos arranjos familiares, renda domiciliar per capita. Brasil, 2012 a 2023.



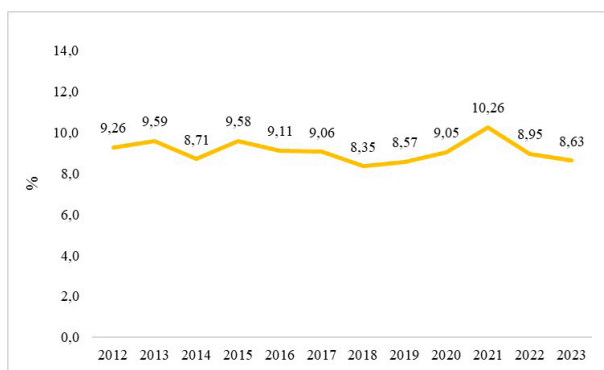
Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

Verifica-se também que, embora a desigualdade entre arranjos familiares possua menor peso, ela é relevante, sendo responsável por cerca de 9 % da composição na desigualdade total. Além disso, a desigualdade total é inversamente proporcional à desigualdade entre arranjos familiares, desde 2015: enquanto a desigualdade total aumenta, a desigualdade entre arranjos familiares perde peso, o que se inverte a partir de 2019.

Ou seja, nos últimos anos, a desigualdade entre arranjos familiares passa a ser, proporcionalmente, uma variável ainda mais relevante para a explicação da composição da desigualdade total. É válido salientar que, em 2022 e 2023, a proporção da decomposição entre os arranjos familiares sobre o total de desigualdade volta a cair, porém, como são apenas dois pontos de observação no tempo, ainda não é possível tirar conclusões de que há novas tendências (Figura 6).

Portanto, conclui-se que a queda da desigualdade desde 2019, acentuada em 2020, período em que se inicia a crise sanitária causada pela COVID-19, deve-se a um empobrecimento geral e passa a ser explicada cada vez mais pela desigualdade entre os arranjos familiares.

Figura 6. Proporção da decomposição entre os arranjos familiares sobre o total de desigualdade, renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2012-2023.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados PNAD Contínua (IBGE), 2012-2023.

## Comentários conclusivos

Dado que estudos recentes apontam para o crescimento de indicadores de desigualdade no Brasil desde 2015 e que, seguindo tendências internacionais, a literatura nacional é inconclusiva acerca da influência das variáveis demográficas sobre a desigualdade de renda na primeira década dos anos 2000, este trabalho se propôs a compreender a evolução das desigualdades de renda tanto entre quanto dentro dos diferentes arranjos familiares brasileiros. É válido salientar que, ao estender a análise até 2023, entenderam-se os impactos que a crise causada pela pandemia de COVID-19 teve na distribuição de renda dos diferentes arranjos familiares,

discussão ainda pouco explorada em trabalhos recentes. Para isso, foram utilizados os dados anuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) no período de 2012 a 2023.

Dessa forma, sabido dos aspectos nacionais específicos, como o panorama socioeconômico e as mudanças demográficas em curso trazidas pela segunda transição demográfica, como diversidade de tipos de família, envelhecimento populacional, modificações nas fontes de renda das famílias, no peso da renda do trabalho, conclui-se que a proporção de arranjos familiares tem se alterado no decorrer dos anos, embora esse seja um movimento lento e gradual, ainda mais quando considerado o curto espaço de tempo analisado. Os principais movimentos identificados foram o aumento de famílias unipessoais e de casais sem filhos e a diminuição de casais com filhos.

Já em relação à desigualdade de distribuição de renda brasileira, a qual é estrutural, latente e muito peculiar, assistiu-se à sua queda de 2012 a 2014, seguida de posterior ascensão entre 2015 e 2018. Todavia, nota-se que a tendência recente é de retorno da queda da desigualdade, o que se acentua em 2020, retornando a patamares inferiores aos de 2012. Isso aconteceu devido a um empobrecimento geral, no qual arranjos familiares dos decis superiores tiveram suas rendas domiciliares *per capita* diminuídas, assim como arranjos domiciliares pertencentes ao primeiro decil da distribuição de renda. Ou seja, fugindo do senso comum de queda da desigualdade causada pelo aumento de renda dos decis inferiores, assistiu-se no Brasil a um cenário em que os mais ricos se empobreceram e os mais pobres estão mais pobres ainda.

Válido ressaltar que a intensificação desse empobrecimento geral em 2020 faz discordar da hipótese de aumento da desigualdade de renda entre os diferentes arranjos familiares devido à instalação da crise causada pela COVID-19, mas nos leva à conclusão de que a pandemia teve sim muito impacto sobre a distribuição de renda, o que pode ser confirmado com a análise do cenário de anos pós-pandemia, como 2022 e 2023, os quais apresentaram persistência das tendências. Certos arranjos familiares, em especial mães com filhos, foram ainda mais expostos à condição de mais pobres, confirmando que a composição por arranjos familiares ao longo da distribuição de renda é assimétrica e essa assimetria persiste ao longo do tempo.

Observou-se também que a distribuição de renda é assimétrica entre os arranjos familiares e que as características domiciliares impactam a renda domiciliar *per capita* dos arranjos nos diferentes percentis. Além disso, há desigualdade de renda tanto entre quanto dentro dos diferentes arranjos familiares, sendo que o maior peso é da desigualdade dentro dos arranjos, não havendo grandes variações ao longo do tempo. Todavia, em especial a partir de 2019, a desigualdade entre arranjos vem aumentando, levando-nos a crer, portanto, que a queda recente da desigualdade passa a ser explicada cada vez mais pela desigualdade entre arranjos familiares.

Tendo em vista a abrangência do tema, a complexidade do cenário instalado, ainda mais quando somado às peculiaridades brasileiras, há vários possíveis desdobramentos que podem ser feitos a partir deste trabalho: melhor entendimento do efeito das mudanças dos arranjos familiares na desigualdade da distribuição de renda por estado, entre regiões rurais e urbanas ou focalizando a análise em características específicas dos responsáveis dos domicílios, como sexo, idade, raça ou escolaridade. Esses trabalhos adentrariam ainda mais a questão, demonstrando áreas ou indivíduos mais impactados com as mudanças demográficas e de desigualdade em curso.

Ademais, em relação à condição de mães com filhos como o arranjo mais exposto à condição de mais pobres, um possível desdobramento seria explorar a relação de tal desigualdade com as desigualdades de gênero e quais possíveis políticas públicas poderiam ser importantes para reduzir esse impacto. Por exemplo, arranjos monoparentais chefiados por mulheres experimentam piores rendas e seriam os menos desiguais entre si, pois a desigualdade de gênero uniformiza, de certa forma, esses arranjos? Esses arranjos poderiam ser beneficiados por políticas de cuidado?

Logo, o presente trabalho e os futuros desdobramentos são imprescindíveis para compreensão da dinâmica e caracterização das estruturas sociais nacionais, ainda mais em um país tão desigual quanto o Brasil, permitindo o direcionamento mais assertivo de políticas públicas, que visem à redução da desigualdade entre e dentro dos diferentes arranjos familiares, os quais são muito desiguais entre si.

## Referências

- Albertini, M. (2008). Equalizing or not? The effect of changing household characteristics on income inequality. *European Sociological Review*, 24(3), 285-298. <https://doi.org/10.1093/esr/jcn002>
- Barbosa, R. J. (2019). Estagnação desigual: Desemprego, desalento, informalidade e a distribuição de renda do trabalho no período recente (2012-2019). *Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise*, 25, 59-70. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10275>
- Barbosa, R., Ferreira de Souza, P., & Soares, S. (2020). Desigualdade de renda no Brasil de 2012 a 2019. *Dados*. [dados.iesp.uerj.br/desigualdade-brasil](https://dados.iesp.uerj.br/desigualdade-brasil)
- Brandolini, A., & D'Alessio, G. (2001). *Household structure and income inequality*. (LIS Working Paper Series, n. 254). Luxembourg Income Study.
- Blundell, R., Dias, M. C., & Joyce, R. (2020). COVID-19 and inequalities. *Fiscal Studies*, 41(2): 291-319. <https://doi.org/10.1111/1475-5890.12232>
- Burtless, G. (1999). Effects of growing wage disparities and changing family composition on the U.S. income distribution. *European Economic Review*, 43(4-6), 853-865. [https://doi.org/10.1016/S0014-2921\(98\)00099-3](https://doi.org/10.1016/S0014-2921(98)00099-3)
- Dedecca, C. S., & Trovão, C. J. B. M. (2020). Sobre desigualdades no Brasil: Passado presente e futuro. *Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho*, 2, Artigo e020015. <https://doi.org/10.20396/rbest.v2i00.14825>
- Del Boca, D., & Pasquia, S. (2003). *Employment patterns of husbands and wives and family income distribution in Italy (1997-98)*. (IZA Discussion Paper n. 449). Institute for the Study of Labor (IZA). <https://doi.org/10.2139/ssrn.314199>
- Espino, I., Hermeto, A., & Luz, L. (2020). Family structure, living arrangements and income inequality in Guatemala between 2000 and 2014. *Revista Latinoamericana de Población*, 15(28), 205-230. <https://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i1.n28.8>
- Greene, W. H. (2012). *Econometric analysis* (7th ed.). Prentice Hall.
- Hoffman, R. (2020). Desigualdade de renda no Brasil, 1995-2019: Diversas distribuições e o impacto do desemprego. *Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho*, 2, Artigo e020007. <https://doi.org/10.20396/rbest.v2i.14205>
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2014). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Notas Metodológicas (vol. 1)*. [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_)

- Nacional\_por\_Amostra\_de\_Domicilios\_continua/Notas\_metodologicas/notas\_metodologicas.pdf
- Jenkins, S. P., & Van Kerm, P. (2009). The measurement of economic inequality. In W. Salverda, B. Nolan, & T. M. Smeeding (Eds.), *The Oxford handbook of economic inequality* (pp. 40-68). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199606061.013.0003>
- Leone, E. T., Maia, A. G., & Baltar, P. E. (2010). Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Revista Economia e Sociedade*, 19(1), 59-77. <https://doi.org/10.1590/S0104-06182010000100003>
- Maia, A. G., & Sakamoto, C. S. (2016). The impacts of rapid demographic transition on family structure and income inequality in Brazil, 1981-2011. *Population Studies*, 70(3), 293-309. <https://doi.org/10.1080/00324728.2016.1201588>
- Martin, M. A. (2006). Family structure and income inequality in families with children 1976 to 2000. *Demography*, 43(3), 421-445. <https://doi.org/10.1353/dem.2006.0025>
- Medeiros, M., Souza, P. H. G. F., & Castro, F. A. (2015). O topo da distribuição de renda no Brasil: Primeiras estimativas com dados tributários e comparação com pesquisas domiciliares (2006-2012). *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 58(1), 7-36. <https://doi.org/10.1590/00115258201537>
- Mookherjee, D., & Shorrocks, A. F. (1982). A decomposition analysis of the trend in UK income inequality. *The Economic Journal*, 92, 886-902. <https://doi.org/10.2307/2232673>
- Peichl, A., Pestel, N., & Schneider, H. (2012). Does size matter? The impact of changes in household structure on income distribution in Germany. *Review of Income and Wealth*, 58(1), 118-141. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4991.2011.00448.x>
- Shorrocks, A. (1982). Inequality decomposition by factor components. *Econometrica*, 50(1), 193-211. <https://doi.org/10.2307/1912537>
- Wajnman, S., Turra, C. M., & Agostinho, C. S. (2006). Estrutura domiciliar e distribuição da renda familiar no Brasil. In R. P. de Barros, M. N. Foguel, & G. Ulyssea (Orgs.), *Desigualdade de renda no Brasil: Uma análise da queda recente* (vol. 1, pp. 423-442). IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3249>
- Zagel, H., & Breen, R. (2019). Family demography and income inequality in West Germany and the United States. *Acta Sociologica*, 62(2), 174-192. <https://doi.org/10.1177/0001699318759404>